



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO - RACIAIS NO ÂMBITO ESCOLAR DE UMA TURMA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL 1

Rebeca Bandeira dos Santos - Graduanda do Curso de Pedagogia - UFPE

Katiane Cibele de Souza - Graduanda do Curso de Pedagogia - UFPE

Resumo

O seguinte trabalho tem por objetivo ensinar as relações étnico-raciais dentro da disciplina de história para uma turma do 4º ano do ensino fundamental 1, de uma Escola Municipal da Região Metropolitana do Recife (PE), na qual realizamos três registros de observações e cinco regências, que nos possibilitou a construção dos planejamentos de aula, contribuindo para o desenvolvimento do ensino, proporcionando também um momento de trabalho e pesquisa para este, buscando assim a construção e desenvolvimento do sentimento de pertencimento dos alunos para com o tema proposto. Sabendo disto, entendemos que o ocultamento da diversidade existente no Brasil vem cultivando, entre índios, negros, pessoas menos favorecidas dentro do âmbito social, o sentimento de não pertencer à mesma. Tendo em vista, um olhar distorcido das relações étnico-raciais fomentando a ideia, de que vivemos harmoniosamente integrados, numa sociedade que não vê e não reconhece as diferenças do outro.

Palavras-chave: Étnico - raciais; Pertencimento; Diversidade; Diferenças.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado através da experiência vivenciada em uma turma de 4º ano de uma Escola Municipal da Região Metropolitana do Recife – PE, proporcionada pela disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica – Estágio no Ensino Fundamental, do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pernambuco, no qual os graduandos devem realizar a prática escolar, realizando observações em campo, elaborando planejamentos de aula conforme a temática acordada pelos graduandos e a professora efetiva da turma no qual é exercida essa prática acadêmica, a disciplina é formada por estudos que resultam em construções de planejamentos e a execução dos mesmos através das regências.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Conforme os cinco planejamentos construídos respectivamente para as cinco aulas regidas, objetivamos contribuir com a discussão sobre o reconhecimento das diversas culturas que já existem e se manifestam dentro da sala de aula, bem como a relação de ensino e aprendizagem sobre as relações étnico-raciais e sobre a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” através da promulgação da Lei Federal 10.639/2003, abrangendo várias possibilidades para a educação das relações étnico-raciais, tanto para educadores, quanto para educandos.

Fundamentando que toda intervenção curricular é a de preparar os alunos para serem cidadãos ativos e críticos frente a uma história construída por ampla diversidade cultural. Observar e acompanhar as práticas curriculares dentro da sala de aula de uma turma do 4º ano do ensino fundamental I, analisando como é trabalhado o ensino das relações étnico-racial em uma escola municipal do Recife, resultou na realização de planejamentos elaborados de forma ampla e contextualizada sobre “A influência afro na cultura brasileira”, situando assim os alunos tornam-se sujeitos pertencentes ao conteúdo trabalhado.

Há uma ausência de reflexões sobre a importância e significância das relações raciais no planejamento escolar, o que foge a uma promoção de relações interpessoais de respeito e de senso igualitário entre os sujeitos da sociedade, em específico aos que constituem as práticas cotidianas da escola. O ocultamento e/ou a falta de posicionamento a respeito do preconceito e das discriminações raciais no campo educacional, acarreta para que as diferenças de fenótipo entre as pessoas acabem sendo entendidas como diferenças que nos tornam desiguais e isso acontece com muita naturalidade, como se fosse uma prática natural. Além disso, acaba-se por reproduzir e construir uma imagem dos negros com sinônimos de inferioridade.

Uma grande preocupação da professora dessa turma do 4º ano, era que o conteúdo **ÁFRICA**, jamais fosse retomado com planejamentos embasados em conceitos de inferioridade, fazendo resgates falhos e preconceituosos referentes ao passado e infelizmente ao presente, então tratar o afro-descendente dentro de sala de aula, ensinar africanidades é propulsar a história da nossa cultura, é conhecer para reconhecer a nossa identidade.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Perfilar a existência da cultura em vários tempos e em diversos espaços, como propulsora de mudanças, é um ponto desenvolvido nos planejamentos e no decorrer das aulas, afinal a relação de poder também faz parte da política cultural. A tomada de territórios, a luta de classes, a luta pela manifestação de diversas formas da cultura tudo isso forma uma progressão de manifesto e simbologia da cultura. É impossível negar a pluralidade cultural no mundo, que se manifesta através de conflitos, confrontos e exposições.

Nessa linha de pensamento, segue o ensino do tema “A influência afro na cultura brasileira” no qual, para compreender a história de um povo é sucinto reconhecer o pertencimento que temos em relação ao conteúdo trabalhado, ao povo estudado e para que isso ocorra é preciso enxergar em nós, em nossa identidade a influência que o outro traz na construção do nosso “eu”. Quais influências dos diversos povos eu carrego? Em quais momentos eu as exponho? Eu as expresso sem perceber? Ou sou parte dessas influências e não me dou conta? Perguntas indagantes como essas objetivam despertar nos alunos a visão ampla e rica sobre a influência africana na cultura brasileira.

METODOLOGIA

Esse trabalho foi feito através de uma pesquisa qualitativa, com abordagens bibliográficas e de campo, as observações e estudos foram realizados na turma do 4º ano do ensino fundamental I, de uma Escola Municipal do Recife. A escola foi fundada há aproximadamente trinta anos. O alunado é composto por moradores da proximidade da escola, ela está localizada próxima a Estação do Metrô de Santa Luzia (Região Metropolitana do Recife), a estação divide a comunidade em duas partes, uma a qual está instalada a escola e a outra a qual é voltada para a Avenida Dr. José Rufino, uma avenida muito movimentada, os alunos são moradores de ambas as comunidades, porém o lado onde está localizada a escola se encontra em maior situação de vulnerabilidade social.

Foram elaborados cinco planos de aula ligados ao tema principal: “A influência afro na cultura brasileira”, cada aula com aproximadamente quatro horas. Na criação



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

desse planejamento foi indispensável estudar o currículo e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Levando em consideração as mudanças dos conteúdos curriculares, a elaboração do livro didático e outros materiais, além da formação de professores competentes formados para respeitar a diversidade cultural em todos os âmbitos citados acima.

Nos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN's) há indicações para que sejam trabalhados nas escolas de Ensino Fundamental e Médio debates que abrangem: Meio Ambiente, Sexualidade e Pluralidade Cultural, levantando questões para que nós, profissionais da educação, possamos ter subsídios para lidarmos com menos preconceito sobre esses assuntos. Ainda referente aos PCN's, a postura laica da escola pública torna-se imperativa no cumprimento do dever do Estado, referente ao estabelecimento pleno de uma educação democrática, voltada para o aprimoramento e a concretização de liberdades e direitos fundamentais da pessoa humana, como argumenta o trecho do documento:

A aplicação e o aperfeiçoamento da legislação são decisivos, porém insuficientes. Os direitos culturais e a criminalização da discriminação atendem aspectos referentes à proteção de pessoas e grupos pertencentes às minorias étnicas e culturais. Para contribuir nesse processo de superação da discriminação e de construção de uma sociedade justa, livre e fraterna, o processo há de tratar do campo social, voltados para a formação de novos comportamentos, novos vínculos, em relação àqueles que historicamente foram alvos de injustiças, que se manifestam no cotidiano. (BRASIL, 1997, p. 126.)

Então, questões sobre diversidade cultural, são precisas para que os alunos conheçam e considerem a cultura dos diversos grupos étnicos. Mais para isso o professor também deve ter em sua formação a quebra do engessamento que perpetua a valorização de um currículo eurocêntrico que privilegia a cultura branca, menosprezando as demais culturas dentro de sua construção do currículo e das atividades de ensino, o que gera nos alunos um pensamento e conhecimento homogêneo sem visão sobre a diversidade existente. A fim de que desde logo se rompam com sentimentos de inferioridade e superioridade, se desconsiderem julgamentos em preconceitos, deixando de aceitar posições raciais e sociais, tudo é necessariamente primordial à formação do educador. Destaque no trecho do PCN – Pluralidade Cultural:



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

A necessidade imperiosa da formação de professores no tema Pluralidade Cultural. Provocar essa demanda específica na formação docente é exercício de cidadania. É investimento importante e precisa ser um compromisso político pedagógico de qualquer planejamento educacional/escolar para formação e/ou desenvolvimento profissional dos professores (BRASIL, 1997, p. 123.)

Em 2003 é acrescido da Lei 10.639 de janeiro que altera a LDB “para incluir no currículo oficial da rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura afro-brasileira”, almejando assim que o ensino de história deve propor a conscientização política e histórica da diversidade, almejando o fortalecimento da construção e a identificação da identidade de um sujeito ou de uma país/nação.

Tratar de ensino e de aprendizagem é tratar de identidades, de conhecimentos, que se situem em contextos de culturas, de choques e trocas entre jeitos de ser e viver. A formação docente é atualmente prioritária para a mudança deste contexto, pois infelizmente grande parte dos educadores não reconhece a diversidade e a diferença que constitui a sociedade, sendo assim não se reconhecem, pois somos essa diferença e essa diversidade existente.

Os planejamentos de aula foram elaborados trazendo o estudo da história presente na realidade dos alunos, partindo do presente para remontar a história passada, que na ideia de já vivenciada deve despertar o sentimento de ainda presente, bem como existente. O conteúdo é realmente significativo quando este é relacionado com o contexto sociocultural do aluno e lhe propicia o domínio do conhecimento sistematizado (SILVA, 2001).

Na primeira aula, trabalhamos o contexto histórico da África e para isso, utilizamos o filme “Kiriku e a feiticeira” de (Michel Celot), o mapa Mundo e imagens, buscando desmistificar o pensamento de alguns alunos de que a África é um país e não um continente, de que seus habitantes são todos negros e que esses falam uma só língua. Parece brincadeira, mas muitas vezes ouvimos pessoas se referirem à África como sendo um país ou um continente homogêneo, ou como “o local onde Tarzan viveu”... Enfim, várias situações que denotam um desconhecimento do patrimônio geopolítico, cultural e histórico que é o continente africano. Trabalhamos também o vocabulário africano através de algumas palavras como: fubá, maxixe, bagunça, moleque, acarajé



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

entres outras, que estão tão enraizadas em nossa cultura que não nos damos conta que as utilizamos com muita frequência em nosso cotidiano, só que sem nenhuma propriedade de sua verdadeira origem. Pudemos perceber nessa aula que os alunos em sua maioria, não tinham um conhecimento prévio sobre os conteúdos, mas isso, não foi um fator determinante para a compreensão e o conhecimento dos educandos sobre a intervenção da cultura africana na construção da cultura brasileira e as palavras africanas incorporadas em nossa língua e utilizadas em diversas áreas culturais.

Na segunda aula, foram exibidos vídeos com apresentações culturais de danças de origem africana, como: o samba, o maracatu, o frevo, o axé e a capoeira e pudemos perceber a intolerância por parte de alguns alunos com relação ao maracatu, que durante a exibição do vídeo nos pediram para o retirarmos, porque acreditavam que o que estava sendo exposto era "macumba" e que não iriam conseguir dormir à noite. Fica claro aqui, que a educação familiar exerce uma forte influência para o olhar e aceitação respeitosa por parte dos alunos, quando se é falado sobre a África e suas manifestações culturais. Também foi percebido que, a maioria dos alunos, fez um bom reconhecimento sobre os ritmos brasileiros e as danças de origem e de influência africana e suas expressões corporais, por fazerem parte de sua vivência e de suas raízes familiares, mas tiveram dificuldades na reflexão com relação às regiões que exercem maior influência sobre os ritmos e as danças exploradas como, por exemplo: o frevo e o maracatu, em Pernambuco; o axé e a capoeira, na Bahia; e o samba, no Rio de Janeiro.

Na terceira aula, trabalhamos jogos e brincadeiras de origem africanas e, através de slides, contamos como surgiram. Essa aula foi muito rica, pois os alunos puderam vivenciar jogos e brincadeiras como: capoeira, "Tsoro Yematatu (Zimbábue)", "Labirinto" (Moçambique), escravos de Jó, pula corda, pula elástico e cabo de guerra. Através desse momento lúdico e atrativo, os alunos tiveram uma maior facilidade em identificar jogos e brincadeiras de origem africana que foram incorporadas à cultura brasileira como também, compreender suas regras e dinâmicas, por fazerem parte de seu cotidiano e também por terem feito parte do cotidiano de seus familiares.

Na quarta aula, foi exibido um slide com imagens de alguns pratos da gastronomia brasileira de origem africana como: feijoada, mungunzá, acarajé, cocada,



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

cuscuz e tapioca, e no decorrer da aula os alunos puderam degustar desses pratos e identificar os ingredientes que fazem parte da composição dos mesmos, compreendendo assim, a presença africana na gastronomia brasileira. Os alunos não tiveram muitas dificuldades sobre o conteúdo exposto, por este fazer parte de seu cotidiano.

Na quinta e última aula, trabalhamos as vestimentas e adornos de origem africana, suas estampas, cores, formas e tamanhos. O conteúdo foi exposto através de slide e da obra complementar "As panquecas de Mama Panya", autoria de Richard Chamberlin e Mary Chamberlin, que trás belíssimas ilustrações das vestimentas e adornos da cultura africana. Durante a aula os alunos mostraram grande interesse pelo conteúdo trabalhado, através das oficinas oferecidas, onde eles puderam confeccionar com os materiais: jornal, tinta, cola e tesoura; belíssimos modelos de roupas, lenços, brincos e colares africanos. Percebemos nessa aula, que por mais que as vestimentas e adornos africanos estejam presentes no cotidiano dos alunos, para alguns, quem só "poderia" usá-los eram o os negros. Isso, mostra de fato como a família e a escola têm um papel fundamental na educação das crianças, onde devem buscar quebrar barreiras no que diz respeito ao olhar preconceituoso sobre a cultura africana incorporada à cultura brasileira.

Percebemos nesse trabalho, que desconhecemos o passado remoto e recente da África e pouco sabemos sobre o seu presente. No entanto, essa é uma história que influencia definitivamente nossa identidade denominada como brasileira. Ainda para sugestões na construção de novos planejamentos, podemos trabalhar com a riqueza que o continente africano tem e ressaltar os países que fazem parte do continente africano, como o Egito, país das pirâmides, obras realizadas pelos africanos, discutindo a capacidade intelectual de arquitetar a execução delas é de extrema importância para a nossa história e para a desconstrução de uma visão de inferioridade.

O planejamento das construções de forma a obter o máximo de perfeição possível. As pedras eram cortadas e encaixadas de forma perfeita. Seus quatro lados eram desenhados e construídos de forma simétrica. Vários enfoques como esse atuam na desmistificação dos africanos como povo de força braçal, de escravidão e execução, é expor a realidade acobertada de riquezas que infelizmente são ocultadas como forma de perpetuar o conceito de inferioridade frente à temática étnico-racial. Percebemos que



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

é papel do educador indagar-se sobre os objetivos que uma aula almeja alcançar, sendo assim, se o objetivo é expor um lado que foi e que é reprimido durante muitos anos dentro do campo educacional, é justamente no planejamento, nas construções de aulas, que o professor deve usar das suas indignações para trazer aos alunos um sentimento de pertencimento e de despertar para uma realidade contextualizada, valorizando a igualdade de valores e essa igualdade não se remonta ao sentido de ser igual, mas a um direito de ter liberdade de expressão e valorização do sujeito, a amplitude de riquezas que cada povo carrega não pode e não deve ser menosprezado, isso nos faz regredir no conhecimento e na aprendizagem e no desenvolvimento como humanos humanizados.

RESULTADOS ALCANÇADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as cinco aulas trabalhadas, podemos perceber que o desafio de não reproduzir preconceitos e estereótipos que nos foram transmitidos por uma educação racista, elitista e excludente, às vezes, é quase imperceptível e isso de certa forma prejudica e muito o trabalho de temas africanos nas escolas. As crianças já carregam um olhar repulsor frente ao que a sociedade em grande maioria ensina, a serem reprodutores de uma visão preconceituosa e isso vem a ser um desafio a ser trabalhado em sala de aula, mas essa resistência a uma descontextualização do que até então foi ensinado ou literalmente absorvido é o impulso que devemos usar como base das indignações que deverão estar presentes na construção dos planejamentos de aula.

Desconhecer experiências de ser, viver, pensar e realizar dos descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, faz com que ensinemos como se vivêssemos numa sociedade monocultural, homogênea, sendo assim nos tornamos incapazes de corrigir a ilusão da democracia racial. Colaborando com a formação de cidadãos reprodutores de posturas discriminadoras.

As discussões norteadoras expostas foram vivenciadas, percebidas e estudadas através da vivência dentro da sala de aula, na ideia de contribuir com a formação do educador e do educando, para que todos possam agir no mundo como sujeitos emancipados. Enxergar e valorizar a pluralidade cultural existente na construção de



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

nossa identidade é um ponto base e norteador para que possamos evoluir como sujeitos ativos em nossa própria cultura e em respeito às culturas viventes.

A forma de agir e de atuar por parte dos profissionais da educação deve levar em consideração a escolha dos conhecimentos, conteúdos que estejam adequados à realidade viva dos alunos, conectando-os a um mundo marcado pela diversidade que eles fazem parte e a tornam diversificada. É buscar subsídios na perspectiva cultural para uma orientação nas práticas educativas. Entender e despertar a compreensão que cada um de nós, carrega um pouco do outro.

O que aqui se discute é que haja interesse, dedicação e planejamento, que supere a limitação das práticas tradicionais, elaborando planejamento que trabalhem conteúdos que tenham como ponto de partida o contexto do aluno, a influência da cultura africana na cultura brasileira é de extrema significância à construção social, nossos costumes, pratos típicos da nossa culinária, estampas de roupas que cotidianamente usamos brincadeiras infantis, cortes de cabelo, penteados, enfim há uma ampla presença da cultura africana na construção da cultura afro-brasileira e para despertar o interesse dos alunos é preciso desenvolver conteúdo e temáticas com base na realidade histórica e social que cada um tem em sua particularidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF. 1997.

_____. *Lei n.º 10.639, de 09 de janeiro de 2003*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 22 maio 2014.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Prática do racismo e formação de professores. In: DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.